



A Comunicação com Pessoas com Surdocegueira Congênita

A Comunicação com Pessoas com Surdocegueira Congênita

Organização

Shirley Rodrigues Maia

Tradução

Julia Cortez Jorge

1ª Edição

São Paulo
Grupo Brasil
2017

A comunicação com pessoas com surdocegueira congênita /
organizado por: Shirley Rodrigues Maia, Vula Maria
Ikonomidis; tradução de Julia Cortez Jorge. – São Paulo:
Grupo Brasil, 2017.
20 f.: il. color.

Tradução de: Communication with persons with congenital
deafblindness
ISBN: 978-85-62252-14-3

1. Deficiência múltipla. 2. Deficiência sensorial.
3. Surdocegueira. I. Maia, Shirley Rodrigues. II. Ikonomidis, Vula
Maria. III. Jorge, Julia Cortez. IV. Título.

CDU: 616.28:617.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Juliana Bernardo Ferreira – CRB-8/10061

Agradecimentos

A FSDB/SHIA (Association of the Swedish Deafblind) para autorização da tradução em português.

A autora Evabritt Andreassen – Líder do Centro Regional de Recursos para Surdocegos no Oeste da Noruega, por compartilhar a publicação durante a conferência Mundial sobre surdocegueira em 2007 na Austrália na cidade de Perth.

Ao Programa Perkins Internacional por apoiar o Programa Horizonte da Ahimsa Associação Educacional para Múltipla Deficiência

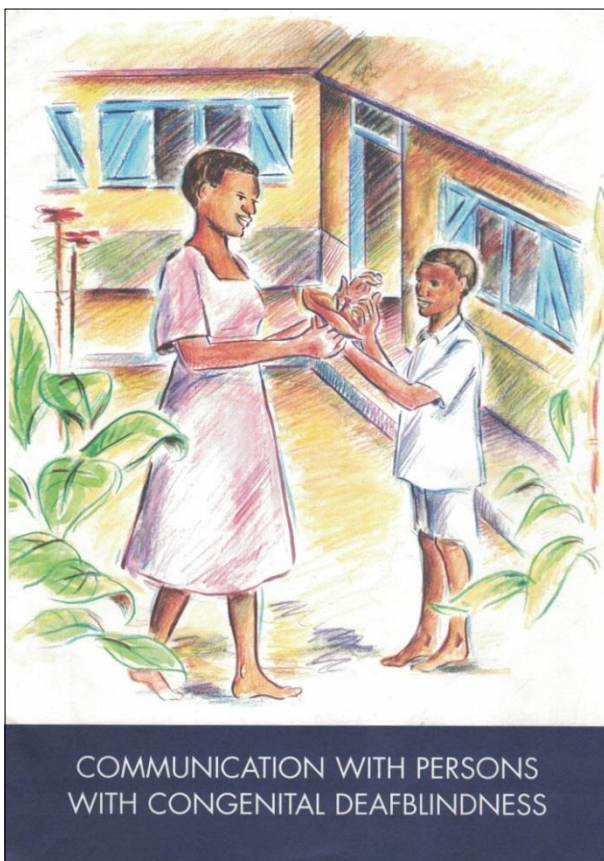
A Instituição Lavelle por dar oportunidades junto ao Programa Perkins para distribuição Gratuita desta publicação.

A CAPES por favorecer a divulgação no III Seminário Regional - Norte sobre Surdez e Surdocegueira em 2017, na cidade Ji-Paraná – Rondônia na CEULJI-RO.

A professora Leila Darin pelo seu programa de apoio e possibilidade da disseminação de informações para todo Brasil.

A CEULJI-RO por apoiar a realização do III Seminário Regional - Norte sobre Surdez e Surdocegueira em 2017, na cidade Ji-Paraná – Rondônia na CEULJI-RO.

Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial
Rua Baltazar Lisboa, 212 – Vila Mariana
CEP: 04110-060 – São Paulo – SP
Fone: 55 11 5579-5438
grupobrasil@grupobrasil.org.br
Prefixo editorial: 62252



Autoras:

Inger Rodbroe

Líder do Centro de Recursos de Surdocegueira Congênita da Dinamarca.

Evabritt Andreassen

Líder do Centro Regional de Recursos para Surdocegos no Oeste da Noruega.

Título Original:

Communication with persons with congenital deafblindness

Diagramação:

Inês Igino

Tradução:

Julia Cortez Jorge (2016)

Revisão:

Shirley Rodrigues Maia (2017)

Apoio:

Pontifícia Universidade Católica-PUC

Professora Leila Darin

Lavelle / Perkins / Ahimsa

CAPES

Prefácio

Este livreto é um desdobramento do folheto “Comunicação com Crianças com Surdocegueira” (1998). Os tópicos estão direcionados para problemas vistos sobre como a comunicação se estabelece e desenvolve e sobre os diferentes tipos de comunicação utilizados com alunos com surdocegueira.

O livreto foi realizado por professores experientes, oriundos das unidades de apoio para pessoas com surdocegueira no Quênia e consultores externos da FSDB/SHIA (Association of the Swedish Deafblind – tradução livre: Associação de Surdocegos da Suécia), durante um workshop em Nairobi em 2006.

Participantes do workshop:

Said A. Mwachinalo – Unidade de Surdocegos de Kwale

Peter A. N. Ndara – Unidade de Surdocegos de Kwale

Stella Njeri Kamau – Programa Habitacional

Eunice A. Aoko – Unidade de Surdocegos de Maseno

Helida A. Ogolo – Unidade de Surdocegos de Maseno

Jane Ramu – Unidade de Surdocegos de Nairobi

O público alvo desse livreto são todos que têm contato com pessoas com surdocegueira. Utilizamos o conceito de acompanhante, que indica a comunicação criada em agradável união entre as crianças com surdocegueira, membros da família, professoras e supervisores.

Um livreto que trata da avaliação e do desenvolvimento de programas individuais para crianças com surdocegueira irá suplementar as informações dadas nesse livreto.

Para facilitar a leitura do texto, utilizamos "ela" para a pessoa com surdocegueira e "ele" para o acompanhante, mas é claro que se pode ler "ele e ela" em ambos os casos.

1. Introdução

A princípio, a criança com surdocegueira desenvolve a comunicação como as que têm visão e/ou audição. Entretanto, a aproximação corporal em casos de surdocegueira, requer que as pessoas interajam com as crianças com surdocegueira tenham conhecimento específico e sobre como isso pode acontecer. Além do mais, professores precisam dominar diferentes formas de comunicação e terem conhecimento aprofundado a respeito de como a comunicação se desenvolve nas crianças em geral. Por essa razão, o desenvolvimento da comunicação de crianças com surdocegueira tem que ser facilitado pelas famílias, professores e supervisores. O desenvolvimento da comunicação com crianças com surdocegueira não acontece sem uma intervenção especializada. Esse livreto tentará explicar algumas das estratégias mais importantes para a intervenção com crianças com surdocegueira.

2. O que você precisa saber sobre comunicação

Esse capítulo será direcionado ao quadro teórico do desenvolvimento da comunicação, o qual define as diretrizes para as estratégias de intervenção. A comunicação se desenvolve com a união entre acompanhantes competentes, a criança e o acompanhante que juntos criam o significado e a comunicação por meio de experiências compartilhadas. Ela pode se desenvolver sempre que a criança e o acompanhante estão juntos. O propósito da comunicação é fazer com que se comuniquem e difere de situação para situação. O acompanhante deve facilitar e estar atento a diferentes funções comunicativas.

2.1 O que é comunicação?

A comunicação significa compartilhar algo e com o processo de compartilhamento, os acompanhantes dividem emoções, expressões, ideias e memórias:

Acontece entre dois ou mais acompanhantes. Entretanto, a comunicação não pode se desenvolver ou existir sem a outra pessoa. Ambos são ativos no processo e juntos criam e desenvolvem a comunicação.

Ao falar com outra pessoa, você precisa “estar em contato” com ela. “Estar em contato” significa que ambos estão prestando atenção um no outro e no que a outras pessoas quer compartilhar, bem como ao tentar organizar os seus próprios pensamentos. Durante o processo de comunicação, os acompanhantes se dão feedback, de modo que os dois passem por experiências que podem ser vistas, acolhidas e compreendidas entre eles.

- A necessidade de se comunicar faz com que os acompanhantes sejam capazes de prender a atenção do outro ou “estar em contato” ao longo do tempo. Assim, uma das estratégias básicas de intervenção focalizam na interação mantida entre crianças com surdocegueira e seus acompanhantes.

- Como a comunicação é criada em conjunto e desenvolvida pelos acompanhantes, isso a torna imprevisível; significando que você nunca saberá como a situação irá se desenrolar ao entrar em contato com uma criança com surdocegueira, o que ela irá "dizer" ou fazer. Isso significa que os acompanhantes de crianças com surdocegueira precisarão ser muito sensitivos, receptivos e observadores quando a criança reagir e de como ela pode contribuir durante o processo de comunicação. O ritmo reduzido e intervalos durante o fluxo de interação e comunicação são estratégias essenciais para possibilitar que a criança seja ativa no processo de comunicação.
- Os acompanhantes podem se comunicar sem uso da linguagem formal, mas é claro que o meio mais eficiente de comunicação é desenvolver a língua de sinais ou a fala, dependendo da facilidade da criança. Portanto, os professores devem sempre focar no desenvolvimento da língua, se a criança tem potencial para falar, aprender a língua de sinais ou talvez elementos das duas. Porém, é importante que os acompanhantes sempre utilizem meios de comunicação que são reconhecidos pela criança com surdocegueira.
- Os pais, supervisores ou professores são quem procuram dar apoio à criança com surdocegueira que está desenvolvendo a comunicação, e devem falar nas condições dadas pela mesma. Isso significa que eles irão responder e usar expressões que a criança já conhece e, ao mesmo tempo, tentarão acrescentar ou ensinar a ela meios mais avançados de se comunicar. O objetivo é que a criança com surdocegueira aprenda quando estiver perto de seus acompanhantes.

2.2. Onde a criança com surdocegueira aprende a se comunicar?

No começo, a criança com surdocegueira aprende a se comunicar quando ela está junto à outra pessoa que conhece suas limitações. O acompanhante, então, é capaz de se comunicar de uma forma que a criança entenda, assim, ela será capaz de expressar suas necessidades ou pensamentos.

A comunicação não pode ser precipitada; ela se desenvolve quando a criança passa pela experiência de transmitir algo para a outra pessoa e/ou quando a criança se sente segura e motivada. Situações com um bom aprendizado significam que a criança com surdocegueira e o acompanhante estão emocionalmente envolvidos e no que estão fazendo.

Exemplos de atividades em que a criança com surdocegueira aprende se comunicar:

- Fazer coisas do cotidiano como comer, tomar banho etc.
- Brincar com seus acompanhantes e seus colegas
- Explorar o mundo, fazer com que a comunidade seja reconhecida pela criança; como ir ao supermercado, passear etc.
- Aprender todos os tipos de coisas práticas como: cozinhar, plantar e lavar roupa.

Quando a criança e o acompanhante realizam uma atividade diária juntos, o acompanhante tenta seguir e expandir aspectos que chamam a atenção da criança, enquanto inclui novos elementos que interessem a criança. Ele talvez inclua sinais, objetos ou até mesmo atividades. Às vezes, até mesmo a criança tente expressar o que está pensando por movimentos corporais ou expressões emocionais. A comunicação deve se referir a algo que é significativo para a criança dentro de seu mundo de experiências.



Legenda: Fora da sala de aula, a professora Said ajuda Alfonse regar as plantas com um jarro. Antes de fazer a atividade, Alfonse foi buscar água, colocá-la dentro do jarro e tocar as flores para poder compreender o que estava acontecendo. Ao jogar a água nas plantas, Alfonse sente a corrente de água passando por suas mãos várias vezes. Said inclui os sinais para água e flor, e utiliza gestos corporais para se referir à ação que está acontecendo. Assim, Said está ajudando Alfonse a sentir e experimentar o mundo a sua volta e conectar-se à comunicação com "a experiência de regar as plantas".

2.3. Para que a comunicação é utilizada?

A comunicação é utilizada para:

- Conseguir cumprir suas necessidades pessoais
- A professora de Emmanuel, Eunice, normalmente guarda mandazi (um tipo de biscoito) dentro de sua bolsa que se encontra embaixo da mesa. Usando o olfato, Emmanuel aponta as mãos da professora em direção da bolsa. Isso indica que ele quer o mandazi. Eunice responde ao seu gesto tocando na mão de Emmanuel e acrescenta o sinal para biscoito, ao entregar o mandazi para ele.
- Informar o que está acontecendo, acontecerá e já aconteceu.
- Utilizando uma placa com objetos de referência, a professora leva John para o seu calendário e explica as atividades do dia. Um dos objetos de referência é uma xícara, indicando a "hora do chá". Com o auxílio da professora, a criança segura a xícara e ela demonstra o sinal "hora do chá". A professora vai até a mesa e eles tomam chá juntos enquanto comentam sobre a atividade, no final, a professora auxilia a criança fazer o sinal "a hora do chá acabou" e então, eles levam a xícara para a bandeja e compartilham o que aconteceu. Assim, ela prepara a criança para próxima atividade.
- Isso ajuda a criança com surdocegueira saber o que vai acontecer, está acontecendo e o que já aconteceu.
- Comentar sobre os interesses da pessoa com surdocegueira.
- No mercado, a professora Jane direciona a criança com surdocegueira para explorar diferentes tipos de frutas que estão à venda na barraca. Depois de explorar, Lois toca em uma banana e a leva ao seu nariz para cheirar. A professora faz o mesmo e comenta: "é uma banana" por meio do sinal tátil e vocalização.
- Compartilhar experiências por meio da conversa

Dentro da sala de aula, a professora Jane compartilha a experiência de quando ela esteve com a criança com surdocegueira Lois no mercado. A professora Jane dramatiza o evento corporalmente e utiliza os sinais que foram apresentados na atividade. Ela, também, se refere diretamente às coisas que comprou no mercado. A professora Jane explica como eles foram até lá, o que viram e como carregaram as sacolas de volta para a escola. Enquanto Jane está fazendo isso, Lois está sorrindo e movendo sua boca, indicando que ela estava feliz e lembrava-se da história, o cheiro e o gosto da banana.





É muito importante que a criança passe por experiências em todas as funcionalidades de comunicação. Tornando-se a responsabilidade do professor. O meio mais básico de comunicação para expressar suas necessidades pessoais como: "eu quero isso ou aquilo". Porém, é importante que o professor não pense sempre que a intenção seja essa, quando a criança introduz um gesto ou sinal, pode dizer que ela também quer compartilhar seus pensamentos ou experiências. Se o professor sempre pensar que a criança com surdocegueira quer o que ela está expressando e nunca o que ela quer compartilhar, seus pensamentos e ideias, a comunicação não se desenvolverá.

É importante para o desenvolvimento da autoestima e para o crescimento da comunicação relatar sobre o que passaram juntos. Portanto, isso deve ter grande prioridade na educação do surdocega.

2.4. Por que a comunicação é o principal foco no trabalho com o surdocego?

A comunicação é o principal objetivo para todos os trabalhos com alunos com surdocegueira, porque inclui o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Isso significa que a interação precoce e a comunicação efetiva com pessoas com surdocegueira são importantes para:

- **CRIAR VÍNCULO** com os pais, membros da família, supervisores e professores. E acontece quando as experiências das crianças com surdocegueira são vistas, encaradas e compreendidas pelos seus acompanhantes. Isso ocorre quando a criança está emocionalmente envolvida com outras pessoas.
- **PROMOVER INTERAÇÃO SOCIAL.** Significa que a criança com surdocegueira aprende as regras sociais ao estar junto do acompanhante. Essas regras se estabelecem e entram em contato, trocar de turnos (uma vez o acompanhante, uma vez a pessoa com surdocegueira) conversacionais (trocam turnos para contribuir com experiências) e manter contato enquanto trocam objetos e acontecimentos. Essas regras sociais sempre fazem parte quando pessoas se comunicam.
- **APOIAR O DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA.** A autoestima se desenvolve quando a criança sente que consegue fazer as atividades por conta, enquanto o acompanhante a prestigia e a entende. E quando ela consegue influenciar sua própria vida tomando decisões.
- **CONSTRUIR RELAÇÕES E CONHECIMENTO SOBRE OUTRAS PESSOAS.** É uma pré-condição para experimentar e entender as necessidades e perspectivas das outras pessoas (empatia). A pré-condição para o desenvolvimento da empatia é experimentar o que as outras pessoas estão fazendo e no que estão pensando.
- **ENTENDER OS ARREDORES FÍSICOS E SOCIAIS.** Pela construção de imagens mentais e conceitos do que eles experimentam juntos com seus acompanhantes. Essa é a parte cognitiva da comunicação ou uma parte dela.

3. Como a comunicação se desenvolve?

A comunicação se desenvolve da mais simples para a mais avançada. De um modo que você poderá dizer que a comunicação evolui mais quando não há a interrupção do contato interpessoal, ou seja, o contato fundamental e atencioso do outro é sempre presente na comunicação.

Gradualmente, o contato fundamental se torna mais (e mais) estável e menos vulnerável. O que significa que o acompanhante pode manter contato e, ao mesmo tempo, prestar atenção ao que acontece, com objetos ou gestos e sinais. A parte vulnerável, com as crianças com surdocegueira é ter que sempre adicionar mais elementos sem quebrar o fluxo da comunicação.

A competência do acompanhante possibilita a observação da comunicação e quando ela pode ser expandida e, desse modo, mais desenvolvida. Isso não depende somente da evolução da criança, mas também, do envolvimento pessoal do acompanhante.

3.1 A Comunicação Básica.

Quando uma criança nasce, a comunicação começa a se desenvolver imediatamente entre ela e sua mãe ou outro membro da família. Qualquer atividade vinda da criança pode ser transformada em comunicação se o acompanhante entender a atividade e criar sobre aquilo, como se estivessem realmente dialogando. A mãe descobre com facilidade as iniciativas de visão e audição da criança, porque ela vê o que espera ver. Em primeiro lugar, a criança descobre as reações e as iniciativas da mãe, utilizando a visão e audição. Nas primeiras interações, as trocas de movimentos corporais são essenciais para o desenvolvimento normal, mas a partir dos 3 meses de idade, a visão e a audição passam a comandar mais funções ao interagir.

Abigail é um bebê de 7 meses de idade. Quando Abigail está sentada no chão, ela vê sua mãe se aproximando, e ao escutar a sua voz, a bebê levanta as mãos, pronta para ser carregada. A mãe sorri e diz: "Ah, você quer vir com a mamãe?" enquanto a levanta do chão.

A especificidade da surdocegueira

O processo acima é o mesmo para uma criança com surdocegueira, mas com uma dificuldade maior, devido as perdas da visão e audição. Isso significa que a atividade para essa criança será diferente do que para a que pode ver e escutar. Por isso, o acompanhante pode duvidar ou não notar as iniciativas da criança, sendo na maioria das vezes corporais, contando com uma reação diferente do acompanhante. Ele deve responder a criança com o toque, para que ela tenha certeza de suas ações. Para crianças com surdocegueira os sentidos mais importantes são os corporais – movimento e toque – talvez mantidos por visão reduzida e/ou audição. Isso significa que os acompanhantes de crianças com surdocegueira devem aprender a reagir às atividades que são diferentes do que eles estão acostumados a observar. Além disso, eles devem aprender a se expressar de forma corporal. Essa é a estratégia de intervenção mais importante ao trabalhar com pessoas com surdocegueira.

Outro aspecto é que, geralmente, leva mais tempo e energia para aprender é por meio do sentido tátil. Portanto, repetições são essenciais para a educação das pessoas com surdocegueira.

Nancy é uma pessoa com surdocegueira, da mesma idade que Abigail. Sua mãe está andando em sua direção até tocá-la. Quando sua mãe a toca gentilmente na perna, ela responde com um sorriso e vira na direção da sua mãe. Ela toca os lábios de Nancy para indicar que viu seu sorriso e então, a pega no colo.

O resultado mais difícil na surdocegueira são as: crianças com essa condição que não se desenvolverem por assimilação – escutando ou assistindo seus familiares. Crianças com audição e visão, escutam e observam como seus familiares se comunicam e agem. Enquanto as crianças com surdocegueira precisam aprender a se comunicar em uma situação de cada vez, junto a um acompanhante que tem conhecimento específico sobre a surdocegueira e comunicação, tendo capacidade de atingir as mesmas experiências que crianças não apresentam a surdocegueira.

Uma criança que vê ou escuta adquire a maior parte de sua linguagem por meio do sentido visual e auditivo. Antes da criança pronunciar as suas primeiras palavras, ela terá escutado muitas palavras em diferentes situações onde foram ditas e conectadas ao que está acontecendo. A criança tenta imitar quem falou as palavras e seus familiares tentarão dar sentido a sua vocalização.

Uma criança que apresenta surdocegueira não tem essa oportunidade, por conta da perda de dois sentidos. Assim, a criança depende mais dos seus sentidos remanescentes: paladar, olfato, tato, proprioceptivo e cinestésico. Isso novamente fará dele dependente de acompanhantes competentes que podem fazer o mundo acessível e interessante ao utilizar seus sentidos mais fortes. Para algumas crianças com surdocegueira, a visão e audição residuais terão um impacto positivo em sua aprendizagem, como em arredores que podem também ser mais acessíveis e com um isolamento social menos severo. As etapas no desenvolvimento da comunicação serão apoiadas pelo uso desses sentidos residuais e assim serão os meios de comunicação que poderão ser utilizados.



Portanto, a intervenção dentro da comunicação é planejada individualmente para cada criança com surdocegueira. O princípio fundamental é utilizar os sentidos que funcionam melhor, enquanto há o apoio de alguns sentidos que podem funcionar em algumas situações. Outra estratégia é utilizar vários sentidos ao mesmo tempo e de forma que seja coerente, exemplo: a sincronia com ritmo usada de forma favorável. Se muitos sentidos são apresentados como não coerentes, então eles podem causar a sobrecarga e estresse, por isso o resultado causará caos para a criança e não levará a nenhum aprendizado.

3.2 Da comunicação básica para a mais avançada

As áreas mais importantes no desenvolvimento comunicativo serão descritas no parágrafo seguinte.

As diferentes etapas da comunicação serão abordadas, começando com a comunicação básica e expandindo para a mais complexa. Construir imagens mentais ou conceitos sempre fará parte do desenvolvimento comunicativo. Quando o acompanhante e a criança com surdocegueira atuam, brincam e exploram juntos ou quando a criança explora por conta própria, imagens mentais e físicas do que aconteceu ficaram guardadas em sua mente. Quando a criança com surdocegueira passa por algo novo, ela tentará comparar os objetos novos ou os eventos com as suas experiências anteriores e colocá-las em categorias em sua mente. Assim como todos os seres humanos entendem o mundo e como eles guardam suas experiências na mente como memórias e conceitos.

Contato

Estabelecer contato é sempre uma abertura para a comunicação. Pessoas com surdocegueira gostam e precisam estar acompanhadas para não se sentirem isoladas ou negligenciadas. Quando você toca crianças com surdocegueira, geralmente, elas querem saber quem é você e, por isso, elas estendem as mãos para explorar seu rosto, mãos ou o corpo, porém, essa introdução para o contato pode levar algum tempo. É responsabilidade do acompanhante manter o contato utilizando as iniciativas da criança com surdocegueira como um ponto de partida para a interação. Ao estabelecer contato deve-se lembrar:

- "Bata na porta antes de entrar", pode ser uma regra ao entrar em contato. Isso pode ser feito por um leve toque em alguma parte do corpo da criança. Nunca vá direto em direção das mãos. "Bata na porta antes de entrar" prepara mentalmente a pessoa com surdocegueira quando entrar em contato com outro. Se você esperar por um momento, a criança geralmente será a primeira a tocar em você.
- Se estiver difícil conseguir entrar em contato, a criança com surdocegueira já pode estar ciente de que você está imitando o que ele está fazendo, ex: seus movimentos, vocalização ou respiração. Essa atenção voltada para você pode ser a abertura para o contato. A mesma estratégia pode ser usada se o contato for perdido e você quer recuperá-lo novamente.
- Durante a interação, mantenha o contato usando qualquer parte do seu corpo. Veja a ilustração abaixo, em que mostra como o professor mantém o contato ao deixar o pé próximo ao da criança enquanto brinca por conta própria.



- Sempre informe a pessoa com surdocegueira quando for embora e deixar de manter o contato com ela.

Said, que trabalha com uma criança com surdocegueira, mostra: Juma, explica no final da programação do dia por meio de sinais táteis que ela está indo para casa. Said sinaliza na mão de Juma: "Tchau".

Se a criança não conhece nenhum sinal, você deve deixar aos poucos a mão dela de forma lenta e gradual. Depois de algum tempo, isso fará com que a criança entenda que você está indo embora, mas que voltará logo.

Lembre-se: Você não poderá interagir ou se comunicar sem antes ter certeza que há um contato sólido com a criança com surdocegueira.

Interação Social

Na interação social, aprendemos as regras sociais de união, que são usadas quando nos comunicamos com outras pessoas.

Essas regras são:

- Contato – prestar atenção no outro, o que o outro está fazendo e qual é o estado emocional do acompanhante.
- Troca de Turno Conversacional – ambos são capazes de estar ativos e reagirem às iniciativas tomadas pelos outros.
- A co-regulação das dinâmicas emocionais na interação – ao criarem juntos interagindo ou na comunicação, onde cada acompanhante segue, varia e evolui para contribuir ao conhecimento do outro.
- A atenção conjunta é o mais avançado padrão social e inclui todos os outros. A função social é obtida quando a criança é capaz de estar ciente de seu acompanhante, contribuindo para a interação e ao mesmo tempo dando atenção para outra coisa além da pessoa. Essa "outra coisa" é o terceiro elemento da união – o que "você e eu" compartilhamos. Nós podemos partilhar um objeto, outra pessoa ou um evento representado por sinais ou gestos. A atenção conjunta significa que, ao mesmo tempo, a criança é capaz de manter a interação e prestar atenção a um terceiro elemento.

Antes da criança ter a capacidade de mantê-la então, ela dará atenção tanto para seu acompanhante ou para um terceiro elemento. Quando for capaz de compartilhar algo com o seu acompanhante, ela fará isso apenas olhando ou tocando suas mãos – a fim de partilhar o que ele está fazendo ou para mostrar um objeto com que está brincando.

Corinne está brincando com um brinquedo novo – uma flauta. E sua professora Susan está sentada perto e a observando cuidadosamente. Após explorar a flauta, por um longo período, Corinne brinca com ela por algum tempo e, então, ela alcança a mão de Susan e a traz para a flauta. Susan tenta explorá-la também, com as mãos de Corinne sobre as dela. Então, Susan assopra a flauta, o que faz com que Corinne sorrisse e risse. Assim, elas compartilham um evento baseado na flauta.

É importante que o professor esteja ciente da iniciativa da criança com surdocegueira ao compartilhar algo e reagir adequadamente a ela. Antes que a criança tome essa iniciativa, o professor tentará diversas vezes compartilhar um objeto, que a criança já conhece. Dessa forma, a criança passa pela experiência de que é possível partilhar algo com o seu acompanhante e que é mais divertido fazer algo junto do que sozinho.

A atenção conjunta é uma pré-condição para a aquisição de linguagem.

A interação começa quando a pessoa com surdocegueira e seu acompanhante estabelecem contato e interação por meio da brincadeira, cantigas, jogos, atividades rotineiras, atividades com música e fora da sala de aula.

A troca de turno conversacional é a troca de interação e comunicação. A troca de turno tátil com as crianças com surdocegueira é visível pelas posições das mãos: apontando quem está "falando ou agindo" e quem está "escutando ou observando". A pessoa que está agindo ou sinalizando está abaixo de quem está olhando ou escutando acima. Veja a ilustração a seguir:



Algumas das mais importantes estratégias a ser incluída quando se inicia a interação e quando os desenvolvimentos de apoio comunicativo com a pessoa com surdocegueira são:

- Diminuir o ritmo
- Imitar a criança e com pequenas variações expandir de forma que mantenha a dinâmica e o interesse dela
- Tentar chamar a atenção da criança ao iniciar uma atividade interessante e motivadora
- Prestar total atenção ao interagir com uma criança com surdocegueira e se envolver emocionalmente e fisicamente
- Permanecer quieto e esperar a criança estar pronta para interagir novamente (no intervalo dela)
- Evitar interrupções quando outra pessoa estiver com a pessoa com surdocegueira
- Não ofereça muitos objetos e atividades de uma só vez. Isso pode estressar a criança e a confundir.
- Respeitar os sinais da criança como pausa para descansar e pensar. Essas pausas geralmente são iniciativas da criança e inclui o tempo de assimilação
- Motivar as iniciativas da criança e expressões, também mantê-las e as responde-las.
- Fazer uma organização clara – a estrutura da classe, o dia e as atividades devem ser claras e compreensíveis para a criança. Leva tempo fazer com que a criança entenda com coerência o que está acontecendo e onde ela está. Também é preciso que a criança com surdocegueira seja ativa em todos os sentidos e em todas as atividades. Se isso não é respeitado, a criança com surdocegueira não terá a chance de passar por uma experiência coerente e compreender o que está acontecendo.
- Ter um plano claro, mas ser flexível – você mudará o plano de acordo com os interesses e atenção da criança – "você conduzirá a criança".

Stella, que é uma pessoa com surdocegueira foi ao mercado com sua professora Sandra. Lá, Stella gostou de um brinquedo vermelho. Ela parou e quis se aproximar dele e então sorriu. Sandra, que queria comprar bananas e laranjas para Stella, não conseguia desviar a atenção da garota em direção das frutas, então, ela teve que ser flexível e explorar o brinquedo com Stella, antes de tentar comprar as frutas. Isso mostra que Sandra foi flexível e teve que mudar os seus planos para lidar com os interesses de Stella. Ao voltar para a sala de aula, Stella começou a fazer gestos corporais que a lembravam da brincadeira com o objeto e então, Sandra se uniu para contar sua história.

Todos os jogos sociais são desenvolvidos para "ensinar" regras sociais de comunicação às crianças.



JOGOS QUE CRIAM EXPECTATIVAS

Muitas vezes, esses tipos de jogos deixam uma pista no final. Quando a criança brinca diversas vezes, ela começa a antecipar as jogadas ao sorrir, balançar o corpo ou esticá-lo, tocar uma parte do corpo, onde ela deixou a pista. Essas brincadeiras podem acontecer em muitas atividades. Quando o acompanhante espera após ter jogado, então a criança irá fazer algo para que repita e essa é a iniciativa tomada por ela pode fazer com que o acompanhante se envolva com ela. O acompanhante faz o intervalo quando ele supõe que a criança se lembra do jogo ou tem uma imagem mental dele.

Exemplo de expectativa em um jogo africano:

A música:

Nyogwenda took ewi ngato (4x)

Otoko tong achiel, otoko tong

Ariyo, otoko tong adeeek (parar de cantar)

Organização:

A criança com surdocegueira e seu acompanhante sentam de lados opostos. A pessoa sinaliza quando toca alguma parte do corpo da criança de uma forma divertida e para na axila, deixando a criança na expectativa para repetir o jogo. Quando o acompanhante toca a axila da criança, ele faz cócegas. Esse jogo pode ser usado também ao sentar em círculo com mais crianças.

CANTIGAS

As cantigas podem ser cantadas e acompanhadas de movimentos. Normalmente, elas têm uma pista e devem ter maior contato corporal com seu acompanhante. Elas são repetidas diversas vezes, mas o interessante é a mudança de dinâmica que ocorre com frequência, tornando-as mais divertidas. Essas mudanças podem acontecer com diversos ritmos, intensidade e tempo.

Exemplo de cantiga africana:

As crianças com surdocegueira e seus acompanhantes formam um círculo e se dão as mãos – sentados ou em pé. A pessoa que canta (solista) começa e os outros respondem ao repetir as palavras e seguindo o ritmo, enquanto batem os pés no chão:

Solista: katoto katoto

O resto: haya howe mpanini pea zanlu nenjereze

O ritmo pode ser usado até com crianças menores, enquanto você os balança no colo e canta em sincronia ao toque.

Comunicação corporal

Comunicando-se por meio dos gestos.

Crianças com surdocegueira criam expressões corporais únicas para transmitir sentimentos, necessidades e pensamentos. O que também ocorre com crianças que têm visão e audição, mas para as pessoas com surdocegueira essas expressões corporais ou gestos sempre terão papel fundamental na comunicação. Essas expressões corporais são movimentos corporais, ex: usar o corpo para indicar o que aconteceu, como comer (movimentos com a boca) e pular (movimentos com o corpo). A criança pode querer dizer que quer ir ao banheiro, está animada, com fome, cansada, desconfortável, feliz ou talvez tenha vontade de jogar ou de fazer uma atividade familiar. Para uma pessoa com surdocegueira, a percepção de mundo é só até aonde os dedos alcançam e talvez um pouco mais além para quem tenha visão e audição funcional. Isso significa que é mais provável a parte principal de sua atenção estar no corpo e no ambiente mais próximo. Para haver uma interação de sucesso, a pessoa com surdocegueira deverá estar em uma posição confortável que possibilitará o máximo de oportunidades para se expressar e entrar em contato – significando alcançar o seu acompanhante. Ele terá que compreender como é ser uma pessoa com surdocegueira e como essas pessoas podem conhecer o mundo. Essa é uma pré-condição para entender os gestos que as crianças com surdocegueira criam. Esses gestos sempre se referirão a como elas descobrem o mundo e dão sentido a dele. Essa esfera em torno da criança com surdocegueira é limitada e geralmente só conhece o que seus acompanhantes as mostram. O desafio para o acompanhante é agir como um modelo inspirador ao guiar a criança com surdocegueira para o mundo.

O professor Michael e Peter brincam em uma mesa. Eles se divertem com os blocos de montar. Depois, eles vão ao mercado comprar ovos para o almoço. Quando eles retornam, Michael quer compartilhar sua ida ao mercado e todas as coisas que eles observaram. Mas Peter faz um movimento repetitivo, onde ele coloca suas mãos para baixo e então dá risada. Michael não entende o gesto até que, de repente, ele lembra que todos os blocos tinham

caído, quando eles estavam brincando. Michael se junta a Peter para compartilhar o que eles fizeram na mesa, Peter fica muito feliz.

Os gestos se diferem de criança para criança. Eles emergem de experiências que ela passou. Quando os acompanhantes tentam dar sentido aos gestos dela, ele tem que lembrar as experiências de cada uma. Os acompanhantes têm que ser capazes de imaginar como a criança com surdocegueira passou por um evento e olhar detalhes significativos que chamaram a atenção dela. Os detalhes significativos são os que a criança quer compartilhar ou comunicar.

Como acompanhante você deve encontrar uma posição confortável e receptiva que permita a criança saber que está presente e pronto para interagir. Se estiver sentado, essa posição permite manter contato físico leve com os joelhos, ombros e mãos.

De forma bem gentil, você poderá manter o contato. Isso servirá com o mesmo propósito para a criança que é surdocega, e também contato visual para quem enxerga. Diga à criança que você está presente. Dessa forma, você estará acessível e dentro do alcance dela. Portanto, a criança pode conseguir toda informação pelas suas mãos e corpo. Quando a criança apresenta um gesto, você o confirma pela imitação ou toque.



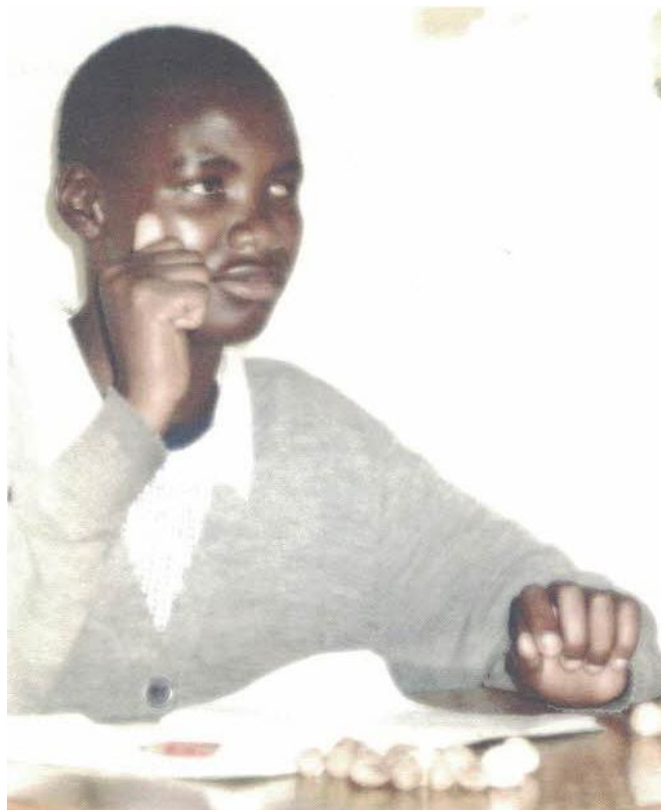
Em seguida, você tenta entender o que significa – interpreta. Você traz uma sugestão de interpretação e espera pela reação da criança. Confirme o gesto, para dizer à criança que você o viu e tentou entendê-lo. Se ela não está satisfeita com sua sugestão, então a sua interpretação está errada e você terá que tentar de novo. Se a criança sorrir ou parecer satisfeita, então você pode pensar que estava certo e você chegou ao entendimento de um pensamento que foi compartilhado.

Esse pequeno diálogo ou negociação acontece quando acompanhantes querem ter certeza de que se entendem. A negociação é uma parte de toda a comunicação. Você sugere, interpreta e espera a resposta da criança com surdocegueira até entrarem em um consentimento.

Entre em um acordo com o significado dos gestos ou sinais e tente perceber se a criança com surdocegueira está fazendo uma pergunta ou só um comentário. Você também pode tentar adivinhar se a criança está tentando "falar" sobre o que está acontecendo "aqui e agora" ou algo que aconteceu há algum tempo atrás ou que acontecerá.

Você precisa colaborar com professores, supervisores e pais para analisar as experiências específicas da criança e o significado principal dos gestos e sinais que a criança está utilizando ativamente.

Depois de um acontecimento interessante, gestos corporais surgem a partir de traços emocionais e físicos, que são deixados na mente e no corpo da criança. Esses traços podem aparecer como expressões corporais durante um jogo ou experiência. E até podem aparecer depois, quando a criança quer um jogo ou uma atividade novamente ou quando está pensando no que está acontecendo e quer se comunicar sobre algo com seu acompanhante. A criança deve estar envolvida em muitas experiências, onde ele é ativo e motivado a criar quantos gestos corporais possíveis.



A professora Helida canta a cantiga "laying eggs" para Dorcas. Ao jogarem diversas vezes, Helida faz um intervalo. Após algum tempo, Dorcas coloca a mão em sua axila. Helida confirma tocando Dorcas no mesmo lugar e ele sorri. Depois, jogam mais uma vez.

Quando Alfonse estava regando as flores, ele retorna ao dormitório, seu agente institucional (supervisor) prepara um chá para ele. Enquanto o tomam, Alfonse de repente pega a mão de seu agente institucional e apresenta o gesto movendo seus dedos para cima e para baixo. O cuidador não entende o que ele quer dizer. Ele oferece um biscoito, mas Alfonse não aceita – ele repete o gesto. A seguir, o agente institucional se lembra que Said o contou sobre o "evento de regar as flores" de hoje. Said contou que Alfonse gostou quando a água escorreu pelos seus dedos. O agente institucional então repete o gesto de Alfonse e acrescenta os sinais para "flores" e "jarro". Agora Alfonse sorri e está muito feliz por poder compartilhar esse evento importante com o agente institucional.

EXPOSIÇÃO À LÍNGUAGEM

Como começar?

A língua é um método formal codificado da comunicação que se desenvolve com base nas conversas não verbais. Ambas as línguas de sinais visuais e táteis e o discurso vocal e tátil são utilizados com crianças surdocegas. Normalmente, mais de um código é usado, com crianças surdocegas, junto a gestos corporais para dar a ela várias possibilidades de entender e se expressar. Sistemas de comunicação argumentativa, como objetos de referência, desenhos e figuras táteis são usados para auxiliar no desenvolvimento comunicativo também.

É muito desafiador para crianças surdocegas desenvolverem a linguagem, pois elas que geram a língua como comunicações básicas para a mais avançada, utilizam: língua de sinais, discurso e língua escrita. A visão e a audição são os sentidos mais importantes para o desenvolvimento da linguagem. Quando esses sentidos são reduzidos é muito mais difícil. Com crianças totalmente surdocegas é complicado combinar a linguagem com o que eles estão prestando atenção, porque elas usam as mãos para explorar tanto quanto para se comunicar. Isso significa que primeiro, a criança com surdocegueira precisa explorar, para então, o professor acrescentar um sinal. É fundamental tentar relacionar o sinal ao mundo, traçando um mapa entre os dois de uma forma rápida. Esse é o desafio para as crianças surdocegas, quando a exposição da linguagem acontece em sequência e não simultaneamente. A única maneira de mapear pode ocorrer simultaneamente, quando a criança com surdocegueira pode explorar com uma mão e recebe o sinal na outra mão. Se a criança tem a visão residual, ele pode conseguir identificar o que está explorando visualmente, quando o sinal tátil acontece ou ele pode ser capaz de aprender sinais vendo e em uma distância curta.



O acompanhante deve ter grande habilidade com a língua de sinais e ser capaz de apresentar os sinais tatilmente de forma fluente. É sempre uma situação delicada para introduzir sinais sem quebrar o fluxo de comunicação. Outro aspecto, essencial, é que os sinais que são apresentados têm que parecer interessantes para a criança e devem estar conectados com o mundo que ela conhece.

O difícil é dizer exatamente quando introduzir os sinais. A melhor maneira é: o acompanhante inclui-os sem interferir na interação e melhor ainda se corresponder com o que a criança está pensando.

O significado do sinal para a criança será sempre ligado às experiências onde foram usados. Assim, é essencial que os sinais sejam utilizados em todos os cenários pelos acompanhantes e em diferentes situações. Treinamentos formais de sinais não auxiliam no desenvolvimento da comunicação. Os sinais devem ser apresentados em situações da vida real. Isso significa que a criança precisa de uma variedade de experiências com acompanhantes competentes e capazes de desenvolver a língua.

Quando o professor introduz um sinal, pode acontecer de duas maneiras: um meio é o professor expandir os movimentos corporais da criança adicionando o sinal convencional. Isso não significa que o professor pare de responder ao gesto, mas sim, ao que ele tenta auxiliar além do desenvolvimento comunicativo.

Uma criança com surdocegueira apresenta um gesto para ir ao banheiro e o professor confirma o gesto e responde introduzindo o sinal formal de ir ao banheiro.

Waswa tem a visão residual e é profundamente surdo. Ele normalmente sinaliza a comida apresentando um gesto em direção da boca. Com a visão residual, ele vai até um local, pega a xícara de leite e a bebe. Utilizando sinais táteis, o professor de Waswa, Robert, o ajuda sinalizar as palavras "xícara", "leite" e "terminar".

Dorcas, que é uma criança totalmente surdocega, normalmente é mais sensível durante a hora do chá. Nesse período, Dorcas move a caixa do calendário e pega um objeto que se refere à hora do chá: "xícara". Sua professora Helida utiliza os sinais táteis, confirmando o gesto e expandindo o sinal convencional e leva Dorcas para a sala de jantar.

Outro meio de introduzir sinais é prestar atenção, enquanto você estiver em qualquer atividade, ao que interessa a criança com surdocegueira especificamente. Você chama a atenção da criança e adiciona o sinal para comentar sobre o que a interessa.

Uma criança com surdocegueira está buscando água para lavar roupas. Enquanto anda em direção à bomba d'água, ela nota, de repente, algumas flores. O professor compartilha seu interesse e adiciona os sinais para: "flor, folha, solo" e usa seu tempo para olhar mais algumas flores antes de continuarem com o que foi planejado. Deve-se seguir a criança para desenvolver os sinais.

Lufiati tem visão e audição residuais. Sua professora, Angelica utiliza o discurso e os sinais ao fazer alguma atividade como fazer chapatas (panquecas).

A professora Angelica reproduz fala, gestos e sinais em sincronia com a atividade, enquanto faz chapatas utilizando o tato para enrolar a chapati na forma para cozinhar.

Se a criança tem uma boa audição residual, você pode usar os sinais e discurso em sincronia. Nunca se deve utilizar somente a fala com uma criança com surdocegueira. Sempre combine a língua com gestos corporais, objetos de referência, desenhos ou figuras táteis.

No início, o acompanhante sinaliza 2 a 3 frases simples e repete as palavras mais importantes no final. Quando a criança produz um sinal, o professor expande o único sinal expressando 2 a 3 pequenas frases com sinais. Dessa forma, o professor segue e tenta compreender o sinal ou gesto da criança, enquanto tenta, ao mesmo tempo, desenvolver a expressão comunicativa dela.

Para ensinar a comunicação, o acompanhante precisará aplicar o uso de EXPERIÊNCIAS apelativas e reais para melhorar a comunicação com a pessoa surdocega. Esses materiais devem ser para que crianças surdocegas possam mexer, ao invés de coisas que são apenas para olhar ou tocar.

3.3 O modelo estrutural para desenvolver a linguagem – Tópico do Trabalho

Ao ensinar crianças surdocegas habilidades de comunicação, se deve trabalhar de forma estruturada e objetiva. Esse modelo pode ser descrito em 3 fases e pode se adaptar a qualquer nível de desenvolvimento comunicativo.

- Primeiro você prepara a experiência que quer passar com a criança com surdocegueira. Talvez com mais crianças em uma atividade em conjunto, mas com o planejamento individual. Você prepara uma atividade que talvez a criança goste e que dê oportunidade para ela expandir seu conhecimento de mundo e então, sua comunicação. Os materiais que você precisa devem ser escolhidos antes e que dê tempo de prevenir a criança ao que acontecerá.
- Em seguida, você realiza a atividade com a criança. Essa é a fase onde você e ela passam pela experiência juntos e tentam construir o entendimento e novos conceitos sobre a atividade. Nela, você expressa o que está acontecendo, dando ênfase ao interesse da criança.
- Mais tarde, de volta a sala de aula, você compartilha o evento. Comunica-se de forma que a criança possa lembrar o que aconteceu. Dependendo das habilidades comunicativas da criança e potencial sensorial, você dramatiza, usa gestos da atividade e mais sinais, palavras que foram ditas. Além disso, você pode manter a conversa com objetos que foram usados na atividade, desenhos de coisas essenciais que aconteceram ou um texto escrito.

O professor Oliver planejou uma atividade que consistia em lavar roupa. Uma criança completamente surdocega, Brenda, que teve pouco contato com sinais. O professor colecionou objetos para serem utilizados durante essa atividade, como: sabão, balde, bacia, roupas e água. Partindo do tato, o professor apresenta todos os itens da atividade para Brenda. O professor a ajuda lavar suas roupas e pendurá-las no varal. Então, Brenda e Oliver levam o balde e a bacia de volta para seus devidos lugares. Oliver sinaliza para Brenda que a atividade acabou e que vão voltar para a sala de aula. Na volta, o professor compartilha com Brenda a experiência de lavar a roupa através de dramatização e a introdução de objetos e sinais táteis. Durante esse processo, Oliver é bem observador em relação às iniciativas de Brenda e aos intervalos para que ela possa contribuir.

Para outro estudante da mesma unidade, William, que é parcialmente cego e reproduz mais sinais, Oliver teve que auxiliar William poucas vezes durante a atividade e pode expandir o seu vocabulário com sinais que não conhecia ainda. De volta à sala de aula, William fez desenhos sobre a aula e Oliver escreveu algumas palavras atrás das figuras para facilitar sua leitura.

Esse modelo pode ser adaptado a qualquer atividade nova ou familiar. O professor deve, sempre, ter um planejamento para o que quer ensinar. Mas, ele pode perceber que a criança pode tomar iniciativas que irão mudar seus planos. A comunicação deve acontecer na atividade a não ser que não seja possível compartilhar o evento em uma conversa depois.

3.4 Conclusões

Pessoas que são surdocegas adquirem vocabulário pelas atividades diárias e conversas com seus acompanhantes. É na atividade com seu acompanhante que ela conhece o mundo ao seu redor e deve sempre acontecer em situações da vida real. Assim, a construção de conceitos acontece na vida real junto a um acompanhante competente. O professor se prepara usando elementos que a criança já sabe e os expande com novas experiências. Lembre-se que crianças surdocegas com deficiências mentais precisam de mais repetições e tempo. Todas as crianças surdocegas levam mais tempo para explorar e para que o mundo faça sentido do que para crianças com visão e audição.

Em qualquer atividade, a criança é ativa e constrói imagens. Esses são os exemplos:

- Atividades diárias
- Exploração dos arredores
- Movimentação no ambiente e mobilidade
- Jogos e esportes
- Dramatização
- Tematização

- Formação pré-profissional
- Excursões
- Acadêmicos

Portanto, a comunicação está em todas as atividades dentro da sala de aula.

4. MODOS DE COMUNICAÇÃO

4.1 Como nos comunicamos com pessoas que são surdocegas?

Utilizamos qualquer meio para nos comunicarmos com uma criança com surdocegueira, adaptando-se aos sentidos que ela pode usar. Os diferentes modos de comunicação refletem nas capacidades da pessoa e no desenvolvimento da criança. Por capacidades queremos dizer: ambos potenciais cognitivos e os sentidos que a criança pode usar em diferentes situações. Com a criança com surdocegueira, você expande dos objetos para desenhos táteis e às vezes ao Braille. Com crianças surdocegas de baixa visão, você vai de objetos até desenhos ou pictogramas e escrita. Além do mais, você geralmente apresenta sinais táteis e visuais, dependendo da situação e do desenvolvimento da criança. A filosofia da comunicação total estabelece que: a troca de informação, durante o processo comunicativo dá maior prioridade do que um modo específico de comunicação. (A comunicação total é descrita no livreto "*Starting Communication with Deafblind Children*", 1988 – tradução livre: "O início da Comunicação para Crianças Surdocegas").

Diversos sistemas são utilizados ao mesmo tempo para dar a criança mais chance de se expressar e oferecer mais flexibilidade dentro de diferentes situações. Você passa de conhecido para desconhecido, indicando que você não passa para a próxima atividade sem antes saber se a criança entende o sistema novo apresentado, ex: você mantém os objetos de referência junto com desenhos até saber, com certeza, que a criança compreende os desenhos. Sistemas de organização argumentativos, como objetos de referências e desenhos são usados para auxiliar a criança a relembrar eventos. Esses sistemas de suporte podem auxiliar o acompanhante a se certificar que ambos estão compartilhando a mesma experiência.

RESUMO

Pontos para lembrar ao se comunicar com uma pessoa surdocega:

- UTILIZE AS "JANELAS ABERTAS". Significa fazer de qualquer oportunidade criada pela pessoa ou criança com surdocegueira acessível para o ensino. Essas chances aparecem quando a criança é motivada e interessada e mostra interesse específico aos aspectos de um evento.
- CONSTRUA ATIVIDADES BASEANDO-SE NO INTERESSE DA PESSOA OU CRIANÇA. Quando a criança é nova e começa ir à escola, pergunte aos pais o que a criança gosta e não gosta. Isso significa que você começará a utilizar as preferências das crianças ao ensinar e expandir, antes de apresentar novas sugestões.
- FACILITE O INTERESSE DA CRIANÇA. Encoraje a criança a tentar novas atividades. O professor também tem que tentar atrair o interesse da criança para novas atividades. Se o professor aproveita a experiência, então há uma boa chance que a criança com surdocegueira aproveitará também.



- **FAÇA COM A CRIANÇA E NÃO PARA ELA.** A criança aprende a fazer por si só o que ela esteve realizando com o seu acompanhante por um bom tempo. Leva tempo para a criança com surdocegueira participar ativamente de todas as atividades, mas é uma pré-condição para o seu aprendizado.
- **REPETIÇÕES.** Crianças surdocegas precisam de muitas repetições. Entretanto, elas devem ser apresentadas de forma dinâmica com muitas variações do mesmo tipo de experiência ou senão, a criança perderá o interesse no evento.
- **RITMO.** O acompanhante tem que se adaptar ao ritmo da criança. Isso normalmente significa que ele tem de reduzir seu ritmo normal de agir e comunicar, e incluir muitos intervalos entre as atividades.
- **DISTÂNCIA – REGULE A PROXIMIDADE E POSIÇÃO.** Ao posicionar a criança e você mesmo, aceite a preferência dela e até quanto poderá ficar próximo fisicamente. Geralmente, crianças surdocegas regulam a proximidade ao acompanhante, quando ele está muito perto ou se ele está próximo de uma forma intimidadora. Também é importante estar ciente de como a criança deve estar posicionada e capaz de participar.
- **ADAPTE O AMBIENTE.** O ambiente tem que ser adaptado para a capacidade sensorial da criança, significando ter boa iluminação e contrastes claros para crianças com baixa visão. Se a criança é cega, o ambiente tem que ser muito organizado e com mobílias colocadas em lugares fixos, se não, a criança não tem chance de construir uma imagem mental de sua sala de aula.

A COMPETÊNCIA DO ACOMPANHANTE

- O fator mais importante para uma educação bem sucedida com crianças surdocegas é que elas encontrem acompanhantes competentes e dedicados. Para ser um acompanhante competente de crianças surdocegas é preciso:
 - Ter conhecimento detalhado do desenvolvimento comunicativo
 - Ser competente para sinalizar e em outros modos de comunicação também
 - Ser criativo e querer estar envolvido fisicamente e emocionalmente
 - Ser um bom observador
 - Querer interagir fisicamente e emocionalmente com a criança com surdocegueira e aproveitar as atividades com ela
 - Manter o conhecimento sobre a educação para surdocegos atualizado
 - Querer ter a perspectiva da criança. É uma pré-condição para entender a criança com surdocegueira

Esperamos que esse pequeno livreto inspire famílias, professores e supervisores em seus trabalhos diários com crianças surdocegas.

Referências:

- Andreassen, Evabritt & Rodbroe, Inger, 1998. Starting Communication with Deafblind Children. FSDB/SHIA Publication
- Kamau, Stella Njeri: Hello! I am deafblind, 2002. A Sense International Initiative
- Miles, Barbara & Riggio Marianne, 99: Remarkable Conversations. Perkins School for the Blind, Massachusetts, USA
- Rodbroe, Inger & Souriau, Jacques, 2000: Communication p 119-149 in MacInnes, John: A Guide to Planning and Support for Individuals Who Are Deafblind. University of Toronto Press.
- Andreassen, Evabritt & Rodbroe, Inger, 2007. Assessment and Making Individual Plans. FSDB/SHIA Publication



Sosial- og helsedirektoratet

The Norwegian Directorate for Health and Social Affairs



Statped Vest

Statleg spesialpedagogisk støttesystem

Apoio:



Realização:



Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente
Sensorial

Rua Baltazar Lisboa, 212 – Vila Mariana

CEP: 04110-060 – São Paulo – SP

Fone: 55 11 5579-5438

grupobrasil@grupobrasil.org.br

Prefixo editorial: 62252